

LITERATURA E GÊNERO: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO CONTO “GESSO”, DE JARID ARRAES

LITERATURE AND GENDER: A DIALOGIC ANALYSIS OF THE TALE “GESSO” BY JARID ARRAES

Nágela Luila Ferreira Moura. Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Regional do Cariri (PPGL/URCA)¹

Francisco de Freitas Leite. Professor Doutor da Universidade Regional do Cariri (URCA)²

RESUMO

No presente artigo, analisa-se o conto “Gesso”, escrito por Jarid Arraes (2019), a partir de uma compreensão atualizada sobre o conceito de gênero inserido na literatura. O conto compõe o livro *Redemoinho em dia quente*, que foi finalista do prêmio Jabuti em 2020. Esta análise se dá a partir de um direcionamento teórico dos postulados do Círculo de Bakhtin acerca de elementos linguísticos e extralinguísticos constitutivos da natureza discursiva do conto. A metodologia consiste na interpretação das relações dialógicas instauradas e, conseqüentemente, da produção e dos efeitos de sentidos do enunciado. Espera-se trazer alguma contribuição para a área de estudos da linguagem discursiva, no sentido de mostrar como se relacionam os elementos linguísticos e extralinguísticos na produção dos efeitos de sentidos.

Palavras-chaves: literatura; feminismo; dialogismo.

ABSTRACT

*In this article, the tale “Gesso”, written by Jarid Arraes (2019), is analyzed based on an updated understanding of the concept of gender inserted in literature. The tale is part of the book *Redemoinho em dia quente*, which was a finalist for the Jabuti award in 2020. This analysis is based on a theoretical approach based on the postulates of the Bakhtin Circle regarding linguistic and extralinguistic elements constituting the discursive nature of the tale. The methodology consists of the interpretation of the dialogical relationships established and, consequently, the production and felt effects of the utterance. We hope to make some contribution to the area of discursive language studies, to show how linguistic and extralinguistic elements relate in the production of meaning effects.*

Keywords: literature; feminism; dialogism.

Tecendo as primeiras ideias

¹ Endereço eletrônico: nagela.moura@urca.br

² Endereço eletrônico: freitas.leite@urca.br

Por mais que se clame por uma “diversidade” quase não existe compreensão realista de como as estudiosas feministas têm de mudar sua maneira de ver, falar e pensar para que possamos nos comunicar com vários públicos, os “diferentes” sujeitos”.
Hooks (2017)

O processo de evolução da humanidade foi marcado também pelo uso das linguagens e suas mais diversas manifestações a fim de atender à necessidade de comunicação e de interação. A partir desse processo dinâmico, a língua pode ser compreendida como uma possibilidade de posicionar os sujeitos dentro de esferas sociais. Dessa forma, para o Círculo de Bakhtin a língua é palco de conflitos já que é atravessada necessariamente por práticas históricas, ideológicas e sociais. De acordo com Volóchinov (2017), a língua só se manifesta por meio da interação, sendo impulsionada por sujeitos concretos, que estão posicionados num dado contexto e que colaboram ativamente na construção dos sentidos. Assim, na concepção bakhtiniana, a língua só pode ser compreendida na sua realidade viva, dinâmica e discursiva.

Nesse sentido, falar sobre a relação entre gênero e literatura é bem mais do que mensurar um material estritamente linguístico e ficcional, porque envolve também considerar elementos do mundo ético, como: estereótipos, preconceitos, contextos diversos e vozes silenciadas, ou seja, prescrutar as relações entre os sujeitos e as valorações que as constituem, em um universo que extrapola o material, mas que é, sobretudo, real, pois está inserido na vida. Assim, a proposta dessa análise se dá pelo viés da Teoria Dialógica, ancorada nos postulados do Círculo de Bakhtin.

Nesse estudo, analisamos o conto *Gesso*, que compõe o livro *Redemoinho em dia quente*, uma coletânea composta por 30 contos que trazem histórias de mulheres da região do Cariri cearense, escrito pela juazeirense Jarid Arraes (2019).

A autora é natural de Juazeiro do Norte, Ceará, nascida em 1991. Influenciada pelo pai e pelo avô, ambos cordelistas e xilogravuristas, começou a escrever cordéis desde muito cedo. Suas primeiras publicações foram aos 20 anos de idade, no *blog* Mulher Dialética. Mudou-se para São Paulo em 2014.

Entre as obras da jovem escritora estão os livros: *As Lendas de Dandara*, publicado em 2015, seu primeiro livro em prosa; *Heroínas Negras Brasileiras*, publicado em 2017, que contém 15 cordéis; e *Um buraco com meu nome*, publicado no mesmo ano, sendo um livro de poesia.

Este artigo está organizado em três seções. Na primeira, intitulada: *Gênero: produto e processo*, fazemos uma breve discussão sobre as diferentes concepções do termo gênero, o que nos dá subsídios para a análise que nos propomos. Na segunda seção, com o nome: *A voz da mulher sobre a mulher*, pretendemos, também de forma breve, observar o percurso histórico da

escrita feminina na literatura. E, na última seção: *A dialogicidade no conto Gesso de Jarid Arraes*, nos propomos a fazer uma interpretação do conto *Gesso*, operacionalizando noções da Teoria Dialógica.

Na conclusão, destacamos a importância de se considerar também aspectos extralinguísticos, como história e cultura, para uma compreensão mais profunda e coerente de uma obra literária, como buscamos fazer nesse trabalho, assim como em qualquer outro enunciado de qualquer outro gênero discursivo.

Nesse sentido, pretendemos contribuir para os estudos da linguagem discursiva apresentando uma leitura responsiva do conto selecionado, ao considerar aspectos de sua constituição que estão posicionados organicamente nos limites do mundo da vida e do mundo da arte.

Gênero: produto e processo social

Não se nasce mulher, torna-se mulher.
Simone de Beauvoir (1980)

Durante muito tempo, a compreensão de gênero esteve atrelada quase que exclusivamente ao âmbito biologizante, ou seja, à diferença sexual, o que acabou por limitar esse conceito. Esse entendimento, contudo, já é considerado ultrapassado e, portanto, deve ser superado, já que, como afirma Lauretis (1987), insistir nessa concepção de gênero é confinar o pensamento feminista ao patriarcado ocidental, já que o que se busca, nessa percepção, é apontar diferenças da mulher em relação ao homem.

Outra compreensão de gênero já despontava nos postulados feministas dos anos 1980, que concebia um sujeito formado não apenas a partir da diferença sexual, apesar de se considerar também esse aspecto, mas que abarcava além das relações de sexo, as relações de raça e de classe social, ou seja, um sujeito multifacetado e complexo, o que já distanciava, de certa forma, da mera classificação simplista de homem *versus* mulher, enraizada numa tradição patriarcal.

Assim, para se pensar num conceito de gênero de forma mais ampla, Lauretis (1987) parte da visão foucaultiana que entende a sexualidade como uma tecnologia sexual. Sendo assim, compreende-se o gênero como resultado e/ou combinação de diferentes tecnologias, discursos, epistemologias e práticas sociais.

Segundo Lauretis (1987, p. 209), “a representação do gênero é a sua construção – e num sentido mais comum pode-se dizer que toda a arte e a cultura erudita ocidental são um

registro da história dessa construção”. Assim, podemos compreender a concepção de gênero não como produto acabado, mas como um processo contínuo de construção, com intersecções distintas, de naturezas diversas. O gênero, portanto, pode ser entendido não como um único indivíduo, mas como uma relação social. Lauretis (1987, p. 211) acrescenta:

[...] as concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais.

Percebe-se, assim, que o sistema de gênero é simbólico e atrelado à cultura. Além disso, está necessariamente ligado a fatores políticos e econômicos de cada sociedade, dentre outros aspectos. Esse sistema é, portanto, tanto uma construção sociocultural como uma representação que conferem valores e atribuições a cada indivíduo dentro da sociedade. Por isso, podemos falar em gênero como um produto social, mas também como um processo contínuo, já que os valores sociais são mutáveis.

Com isso, entende-se que a compreensão de gênero do senso comum, *grosso modo*, é na verdade representações de gênero que determinam posições hierárquicas, valores, identidade, prestígio, referentes aos sujeitos inseridos num contexto social. Assim, tem-se a ideologia e as relações ideológicas como uma possibilidade de compreensão dessas relações estabelecidas no meio social.

Althusser (1985, p. 171) afirma que “toda ideologia tem a função (que a define) de constituir indivíduos concretos em sujeitos”. Ainda que o filósofo não tenha voltado seus estudos para a questão de gênero, essa relação é válida, uma vez que tanto a ideologia como o gênero colaboram constitutivamente na transformação do indivíduo em sujeito, a partir da representação que este assume ou que lhe é imposta pelo meio social de feminino ou masculino.

Althusser (1985) destacou ainda que a forma organizacional da sociedade estabelece limites para a efetiva participação do sujeito, oprimindo, muitas vezes, particularidades que não se encaixam no sistema já estabelecido; é o que ele chama de aparelhos ideológicos do Estado, como: a família, a escola, a religião, a política, a cultura. Enfim, segundo o pensamento althusseriano, são essas formações sociais que determinam o papel social de cada sujeito, inclusive do sujeito feminino e masculino.

Essas associações têm raízes fincadas nas relações econômicas e nas relações de trabalho e de produção. Tal compreensão parte da história, já que só a partir da Segunda Guerra

Mundial (1939 – 1945) foi permitido que as mulheres adentrassem o mercado de trabalho, e isso para suprir uma necessidade capitalista de não embargar a produção.

Desse período até à contemporaneidade, muitas lutas foram travadas e algumas foram vencidas, especialmente com o surgimento do movimento feminista, impulsionado a partir das últimas décadas do século XIX. Apesar das conquistas reconhecidas, contudo, ainda se percebe uma tentativa de delimitar e determinar os espaços e as oportunidades “adequadas” aos sujeitos femininos.

Assim, percebe-se que o conceito de gênero está diretamente imbricado em questões culturais, sociais, históricas e políticas, logo tal noção é por natureza inacabada, constituindo tanto um produto como um processo do meio social, e tal compreensão perpassa nossa leitura responsiva do conto em tela.

A voz da mulher sobre a mulher

*Tudo que eu escrevo é profundamente marcado pela condição de mulher negra.
Conceição Evaristo (2017)*

Historicamente, o lugar permitido para ser ocupado pelas mulheres era o ambiente domiciliar, mais precisamente o doméstico. Assim, a mulher tinha sua função social, também delimitada, ocupava-se com os afazeres da casa, no cuidado com a família, além de exercer seu principal papel social, que também necessitava de uma espécie de autorização sagrada, o da procriação.

Em contrapartida, como de costume, ocupando sempre os lugares de destaque e de visibilidade, a voz que era ouvida era, geralmente, a masculina, inclusive na literatura. Essa voz, inclusive, representava a mulher, em linhas gerais, sob duas perspectivas: ou numa atmosfera de resignação e pureza, a *rainha do lar*, a *mãe de todos*, a sofredora, a que tudo suporta e por isso é a *heroína*, digna dos contos de fada, ou era aquela que tinha um caráter duvidoso, era transgressora, fingida e dissimulada, a personificação de Capitu, do Machado de Assis. Dessa forma, durante muito tempo as mulheres foram silenciadas e excluídas também do cenário das Letras.

Assim, as personagens retratadas contribuíam para a perpetuação de estereótipos e de estigmas cristalizados no meio social. Segundo Scholze (2002, p. 181):

Personagens que ousam transgredir as leis impostas pelas instituições encarregadas de manter a ordem das coisas são punidas com finais infelizes, solidão, autonegação da

felicidade, reconhecimento do fracasso no desempenho do papel que lhes foi confiado pela sociedade. Tudo isso transparece, recorrentemente... num infinito sentimento de culpa, fracasso, culpa.

Para Foucault (1999) o discurso é constituído a partir de três elementos que se atravessam e se completam: o tabu do objeto, o ritual da circunstância e o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. Assim, os discursos reproduzidos, muitas vezes pela voz masculina, na literatura, criavam esses moldes para que as mulheres se encaixassem ou para que outros lhe impusessem esse lugar, sobretudo, numa sociedade remota em que uma parcela privilegiada e pequena de leitoras tinha acesso, ainda que limitado, à literatura, e mesmo nesses casos era para o entretenimento e a ocupação do ócio. Com isso, Scholze (2002, p. 176) justifica: “esta perspectiva está ligada à visão de que a linguagem tem o poder de construir e não apenas expressar significados”.

Na literatura brasileira, o romance *Úrsula*, escrito pela maranhense Maria Firmino dos Reis e publicado em 1859, é tido como a primeira narrativa de autoria feminina. A obra enquadra-se nos padrões românticos, uma vez que traz em seu enredo uma donzela frágil que é disputada pelo mocinho e pelo vilão, contrariando os finais felizes, contudo, a narrativa termina com a morte da protagonista. Com isso, obras nesse estilo ilustram a primeira fase da inserção da mulher na literatura, que se caracterizou pela reprodução da cultura dominante vigente.

A obra de Clarice Lispector, a partir de 1960, rompe com esse percurso e inaugura uma trajetória de escrita feminina mais engajada com questões psicológicas e apresentando uma outra perspectiva do universo feminino, através de personagens enigmáticas e com uma boa dose de ironia, marcas registradas da autora. A ucraniana, naturalizada no Brasil, já traz questionamentos nas suas obras, mesmo que nas entrelinhas, sobre a questão de gênero e sobre a condição da mulher na sociedade e na arte.

No século XXI, a presença e a voz da mulher já ecoam de forma mais intensa, na sociedade de modo geral, inclusive na literatura. Atualmente, já é possível perceber a condição feminina pela perspectiva de autoras conhecidas e reconhecidas, nacional e internacionalmente, embora não sejam raros os relatos do sobrepeso carregado pelas mulheres para escrever e publicar, ao que parece a desconfiança em relação aos textos *delas* é uma premissa. Para ilustrar esse rol de representatividade feminina brasileira podemos citar a autora Conceição Evaristo.

Maria da Conceição Evaristo, mulher negra, de origem humilde, rompe com todos os paradigmas ao começar a publicar na década de 1990. A autora escreve romances, contos e poemas, e tem sua obra atravessada pela condição de mulher, negra e pobre. Na obra da mineira, a escravidão e a condição do negro na sociedade brasileira têm destaques já que ela toca em

questões como: exclusão, preconceito e exploração do trabalho. É a partir desse aspecto que a autora cunha o termo *escrevivência*. Evaristo (2017) explica melhor esse termo em uma entrevista:

Quando eu usei o termo *é... escrevivência* [...] se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, *é...* me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, *é...*, ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa *escrevivência*, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo.

A autora, assim, através de uma escrita autêntica se projeta como resistência de mulher e de negra, contribuindo na consolidação de uma nova ideia sobre identidade de gênero. Seus textos têm um caráter pedagógico por dar voz e visibilidade a tantas outras mulheres oprimidas pelo sistema patriarcal e escravocrata. Ela apresenta e representa um projeto discursivo peculiar, sob um olhar apurado, que só quem tem propriedade e intimidade com questões de discriminação de gênero e de raça poderia imprimir, demonstrando a representatividade da escrita da mulher sobre a mulher.

A dialogicidade no conto “Gesso”, de Jarid Arraes

Pensar no coletivo me encoraja na literatura.
Jarid Arraes (2019)

A escrita da autora Jarid Arraes é crivada pelas chagas que a escritora carrega, sendo: mulher, negra e nordestina. Assim, entendemos que sua obra dialoga constante e intensamente com diversas questões históricas, culturais e sociais. Logo, analisar sua obra sem considerar esses elementos seria limitá-la de tal forma “à semelhança de um artefato material” (Leite, 2014, p. 58). Dessa forma, apresentaremos alguns possíveis diálogos estabelecidos, especificamente no conto *Gesso*, que integra a coletânea de contos do livro *Redemoinho em dias quentes*.

Em sua obra *Os gêneros do discurso*, Bakhtin (2016) afirma que o enunciado não pode ser compreendido de forma individual, isolado, pois ele nasce da interação entre linguagem e o contexto histórico e social. Para Bakhtin (2016, p. 62): “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto

de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas”. Com isso, o sentido de um enunciado só pode ser devidamente analisado, em termos bakhtinianos, levando-se em conta as condições concretas da sua existência. Dessa forma, entendemos o enunciado como uma unidade ativa e singular, que só pode ser apresentado, posto, mas não repetido, e, sendo assim, cada enunciado constitui-se como um novo acontecimento.

Partindo dessa singularidade inerente a todo e qualquer enunciado, na perspectiva bakhtiniana, a narrativa do conto Gesso desenvolve-se a partir da celebração da Renovação do Sagrado Coração de Jesus e do Sagrado Coração de Maria, uma tradição da igreja católica que ressoa do Período Medieval e é cultivada até os dias atuais, principalmente, em cidades do interior nordestino. Nessa ocasião, as famílias se preparam com antecedência, enfeitam suas casas, preparam comidas e convidam vizinhos e amigos. Essa festividade é motivo de encontros e tem por finalidade renovar a fé cristã.

Apesar de ter uma motivação religiosa, entendemos que essa comemoração, em alguns casos, se configura como um dos eventos mais importantes para aquela família, posto que também representa uma demonstração do *status* social, afinal denota, de certa forma, a condição econômica da família anfitriã, como pode ser observado no trecho do conto analisado: “o tipo de comida dependia do tipo de casa, gente mais pobre oferecia um suco meio aguado, bolacha maisena e só um tipo de bolo, quem não estava tão ruim variava um pouco mais” (Arraes, 2019, p. 77). Esse aspecto, em nossa compreensão, evidencia o elemento ideológico que incide sobre a enunciação. Sobre esse elemento Medviédev (2012, p. 48) afirma que:

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológico também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, nas roupas, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem.

Para a tradição católica, sobretudo do interior cearense, a renovação é uma festa que deve ser comemorada com fartura e alegria, como forma de agradecimento e reconhecimento a Deus e aos santos de devoção pelas graças recebidas, assim até mesmo as famílias mais humildes, financeiramente, fazem certo esforço para oferecer o melhor aos seus convidados. Além disso, como já destacamos, é também uma ocasião para demonstrar a situação financeira da família. Verificamos essa ocorrência nesse outro trecho do conto: “minha vizinha da frente, Socorro, sempre fazia uma renovação extravagante. Pelo menos para os padrões do nosso bairro,

um loteamento ainda em construção” (Arraes, 2019, p. 90), e nesse outro trecho: “parecia que Socorro queria comemorar o asfalto novo também (Arraes, 2019, p. 90).

Deve-se destacar também que o ritual da renovação é fortalecido pela religiosidade e pela tradição que são marcas registradas da região do Cariri, especialmente da cidade de Juazeiro do Norte. O município, localizado no interior do Ceará, é conhecido nacionalmente pelas romarias que reúnem multidões das mais diferentes e distantes localidades do Nordeste e do Brasil, em torno da figura emblemática do padre Cicero Romão Batista, religioso e político influente da região, no século XX, considerado santo pelos fiéis. A renovação é um tipo de ritual preservado pelas famílias, especialmente as mais tradicionais e cristãs, e passada de geração em geração, como se observa nesse trecho:

Eu estava lá no meu canto, quieta, repetindo todas as rezas junto com o coro. Acreditar, eu não acreditava. Mas fingia que era uma beleza. Sabia todas as palavras e copiava a entonação das velhinhas. Em nossas almas acendei o amor, o amor de Jesus! Em nossas almas acendei o amor, o amor de Jesus! E o coro repetia o refrão. Eu gostava (Arraes, 2019, p. 90).

Essa religiosidade efervescente e a figura do famoso padre movimentam e aquecem a economia da cidade, sendo considerada um dos maiores polos de desenvolvimento do Estado, o que se deve, principalmente, ao turismo religioso. Compreendemos esses aspectos culturais e geográficos como valorações sociais, uma vez que, como afirma Volochínov (2013b, p. 75): “a palavra concebida mais amplamente, como um fenômeno da comunicação cultural, deixa de ser uma coisa centrada em si mesma e já não pode ser compreendida independentemente da situação social que a tem engendrado”. Assim, percebemos como história e memória participam ativamente do processo de interação entre os enunciados, indo além do momento imediato e dialogando com enunciados anteriores e posteriores ao enunciado em questão, o que colabora com a produção e os efeitos de sentidos, fortalecendo a teia discursiva.

Outra característica marcante do cristianismo praticado na região é o culto às imagens. Os santos são personificados nos mais diferentes materiais, como madeira, bronze, ouro, vidro, gesso, entre outros, como uma espécie de materialização da fé cristã. Prova disso, é que é comum encontrar nas casas das famílias da região do Cariri um altar com os santos de devoção daquelas pessoas, que inclusive, estabelecem uma relação íntima com essas imagens, de adoração e de respeito, por exemplo, fazendo o sinal da cruz ao passar diante delas, acendendo velas e até mesmo conversando e fazendo pedidos. Observamos algo semelhante neste trecho: “a estátua tão bonita que sempre peregrinava por todas as casas do bairro. O padre Raimundo sempre dizia que a Santa estava passando para nos ajudar, que deixava, em cada casa, um pouco da sua fé,

da sua serenidade, da sua coragem. Muito bonita a Santa” (Arraes, 2019, p. 95). Assim, entendemos que a interação extrapola o elemento verbal. Pensamento semelhante podemos observar em Volochínov (2013a, p. 162-163, grifo do autor):

Habitualmente respondemos a qualquer enunciação de nosso interlocutor, se não com palavras, pelo menos com um gesto: um movimento de cabeça, um sorriso, uma pequena sacudidela da cabeça etc. Pode-se dizer que qualquer comunicação verbal, qualquer interação verbal, se desenvolve sob a forma de *intercâmbio de enunciações*, ou seja, sob a forma do *diálogo*.

Dessa forma, evidencia-se como a interação é inerente ao ser humano, constituindo sua natureza social. E como observado no trecho destacado do conto, essa interação não acontece exclusivamente pelo elemento verbal, pois, como destaca o autor russo, há “*intercâmbio de enunciações*”, que se manifesta através de diversas semioses, por exemplo, fazer o sinal da cruz ao passar diante de imagens e igrejas.

Outra forma de ilustrar essas relações dialógicas são as promessas feitas aos santos: o fiel faz um pedido ao santo de devoção em troca de uma penitência. A concretização do pedido desejado é, de certo modo, a *resposta* de que as orações foram ouvidas/percebidas e como agradecimento pela graça alcançada tem-se o pagamento da promessa com alguma penitência, ou seja, há uma interação contínua e intensa que se manifesta tanto verbalmente, com as orações e o pedido solicitado, como de forma extraverbal, por exemplo fazendo uma travessia de joelhos. Essa tradição também é representada na seguinte passagem: “a Santa tinha me dito que eu ia morrer” (Arraes, 2019, p. 79). E nesse outro trecho: “tá fazendo o que aí ainda, bora pra casa. Não posso, é promessa. Que promessa que tu não me contou? Uma promessa importante, caso de vida ou morte. Rá, agora pronto, além de me fazer esperar. Desculpa, benzinho, mas sabe como é promessa” (Arraes, 2019, p. 93).

Infelizmente, a região do Cariri cearense não se destaca só pelas tradições, mas também pelo alto índice de violência contra a mulher. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS), apenas nos três primeiros meses de 2023 foram registradas 5,6 mil ocorrências de violência contra a mulher. O número de feminicídio é ainda mais assustador, 16 assassinatos por motivação de gênero, o que configura uma média de quase um caso por semana.

Essa estatística pode ser explicada porque ainda vigora muito forte nessa localidade o modelo de organização patriarcal, em que a mulher é vista como propriedade do homem, e este se sente no direito de violentá-la de todas as formas. Observamos essa ocorrência no conto quando a protagonista descreve: “mas aquilo foi me dando medo e mais medo, porque Sérgio

foi piorando os xingamentos e depois começou a me apertar pelo braço e sair me puxando até me deixar em casa” (Arraes, 2019, p. 91).

Essa visão de superioridade do homem e de submissão da mulher tem suas raízes fincadas no machismo estrutural, a reflexão da personagem pode ilustrar esse argumento: “pensando o que significava ser mulher na época de Maria, se era só engravidar do Espírito Santo e parir, ou se José também lhe puxava pelo braço e soltava xingamentos quando o dia estava num pé ruim” (Arraes, 2019, p. 94).

Da mesma forma, podemos observar a relação demonstrada no conto com esse modelo em voga durante tanto tempo e que de certo modo ainda é muito presente, principalmente, numa região em que o cristianismo bem como seus preceitos são tão reforçados, por exemplo, na ideia de que o casamento é uma união indissolúvel e que a comunidade, de modo geral, não deve interferir nos conflitos do casal, nem mesmo em casos extremos, o que foi normalizado durante muito tempo. Caso semelhante observamos na descrição feita pela personagem: “a rua inteira assistia, mas Sérgio se tornou corriqueiro. Tinha gente que já nem levantava a vista, só continuava varrendo a calçada, dando água pras plantas e trazendo os meninos da creche” (Arraes, 2019, p.91). Episódios como esse podem ser compreendidos a partir também do aspecto ideológico, como explica Volochínov (2017, p. 213)

Os sistemas ideológicos formados – a moral social, a ciência, a arte e a religião – cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano e, por sua vez, exercem sobre ela uma forte influência inversa e costumam dar-lhe o tom. Todavia, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos formados preservam constantemente a mais viva ligação orgânica com a ideologia do cotidiano, nutrem-se da sua seiva e fora dela estão mortos, assim como estão mortas uma obra literária: finalizada ou uma ideia cognitiva fora da sua percepção avaliativa viva.

Assim, percebe-se que as valorações sociais cristalizadas e fortalecidas, sobretudo, em uma cidade majoritariamente católica do interior cearense são vistas como práticas corriqueiras, amparadas em um modelo tradicional de organização social, o que justifica a incidência de crimes como a violência contra a mulher e o feminicídio.

Esses relatos demonstram que, de modo geral, as mulheres compartilham várias experiências em comum e acabam, em algumas situações, estabelecendo uma relação de cumplicidade, dessa forma fortalecendo o elo de interatividade. Em nossa interpretação, esse fenômeno está presente no enunciado analisado, por exemplo, na seleção dos nomes das personagens. A protagonista se chama Doralice, nome este que já traz em seu radical a indicação de *dor*, que pode ser tanto física como psicológica, dores compartilhadas por tantas mulheres.

Percebemos outra relação dialógica da personagem Doralice com o nome próprio – Dores. Vale destacar que apesar do ícone religioso da região do Cariri ser um homem, o padre Cicero, a padroeira de Juazeiro do Norte é Nossa Senhora das Dores, o que nos sugere que as dores do corpo e da alma, provocadas, muitas vezes, pelas violências, mas também pela exclusão e pelo silenciamento, marcam essas mulheres nordestinas, tanto as terrenas como as celestiais. Como podemos perceber nesse trecho: “eu escutava meu nome sendo chamado, psiu, ei, Doralice. Fazia de conta que nenhum zumbido chegava ao meu ouvido. Repetia o pai-nosso, a ave-maria, o credo e cantava de novo que a luz, a luz, descei divina e o amor. E Sérgio com raiva. Fumaçando” (Arraes, 2019, p. 92).

Não podemos nos esquecer da vizinha de Doralice, dona Socorro, a anfitriã da renovação e, também responsável pelo *socorro* prestado à Doralice, acolhendo-a em sua casa, sob o pretexto do pagamento da promessa:

Socorro veio me dizer que iria trancar o portão e dormir, não aguentaria a vigília, não tinha se preparado para isso. Ela deixou uma bandeja com suco, uma garrafa de café, dois pedaços de bolo e uma vasilha cheia de sequilhos. Coma tudo e beba muito café, pra aguentar a reza toda (Arraes, 2019, p. 94).

Outra demonstração, em nossa opinião, de cumplicidade entre as personagens femininas no conto, encontra-se também no desfecho, já que como a protagonista não consegue contornar a querela recorre à santa para que ela resolvesse o caso: “Santinha, me perdoe, mas é a Senhora que vai resolver esse caso pra mim” (Arraes, 2019, p. 81), justificando o diálogo entre a personagem e a estátua de gesso.

Assim, a partir das interpretações de algumas das relações dialógicas instauradas no conto analisado, concordamos com o pensamento dos pensadores do Círculo de Bakhtin que entendem que o sentido não é um aspecto imanentemente linguístico, mas trata-se de uma construção inerente ao discurso e à enunciação, afinal “é definido não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas também pelos aspectos extraverbais da situação” (Volóchinov, 2017, p. 228), ou seja, o sentido extrapola os elementos puramente linguísticos uma vez que também envolve elementos contextuais constituintes da arquitetura da enunciação.

Tecendo algumas considerações conclusivas

Iniciamos esse estudo posicionando a autora Jarid Arraes no universo literário, a fim de perceber as implicações contextuais que reverberam em sua obra como um todo e, mais especificamente, no conto analisado, *Gesso*. Essas percepções foram relevantes para o objetivo da pesquisa que é prescrutar os diálogos estabelecidos entre o enunciado posto, no conto *Gesso*, e a produção e os efeitos de sentidos a partir do contexto em que ele está inserido.

Na primeira seção, iniciamos um debate acerca do conceito de gênero, que mesmo na atualidade, em muitas ocasiões, é reduzido ao seu sentido biologizante. Entendemos que para analisar a obra de uma autora, retratada em uma região especialmente marcada pelo machismo, essa condição que carrega os sujeitos femininos não pode ser desconsiderada, afinal, muitas vezes, é justamente a condição de ser mulher e todo o encargo histórico, social, político que essa carrega que demarca o espaço ocupado por esses sujeitos.

Na sequência, trouxemos um breve percurso da escrita feminina no Brasil, que, em um primeiro momento, continuou reproduzindo estereótipos retratados pela voz masculina, a voz que era ouvida, mas que aos poucos foi criando uma identidade autoritária própria e servindo de representação para vozes historicamente silenciadas. Outrossim, destacamos autoras, como a Jarid Arraes, que têm a percepção da força da sua escrita, não só para ela, mas para todas as outras mulheres.

Por fim, analisamos o conto *Gesso* da autora destacada, pelo viés da Teoria Dialógica, identificando alguns dos possíveis diálogos entre elementos linguísticos e extralinguísticos e considerando vozes sociais que ecoam por meio deste enunciado e de sujeitos que assumem um posicionamento axiológico ativo e responsivo.

Vale destacar que não almejávamos em nossa análise determinar os sentidos que os enunciados produzem, uma vez que entendemos que não há limites para os sentidos, já que eles podem ser construídos por interlocutores reais em seus entendimentos responsivos dos enunciados concretos.

Assim, acreditamos que essa pesquisa possa contribuir de alguma forma com o estudo da linguagem discursiva, no sentido de apresentar uma possibilidade de investigação dos efeitos de sentidos e dos diálogos estabelecidos no enunciado, que, no estudo em questão, foi um conto, mas que poderia ser aplicado a qualquer gênero discursivo.

Deve-se destacar, por fim, o caráter inconcluso de nossas considerações e a necessidade de pesquisas posteriores mais aprofundadas, visto que nem todas as propriedades enunciativas foram contempladas nesse estudo, seja por questão metodológica ou pela própria infinitude das interpretações.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Tradução de Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, v. 2, 1985.

APEXBRASIL. **Pensar no coletivo me encoraja na literatura**. 2019. Disponível em: <https://portal.apexbrasil.com.br/noticia/jarid-arraes-pensar-no-coletivo-me-encoraja-na-literatura/>. Acesso em: 25 mar 2024.

ARRAES, Jarid. Gesso. *In*: ARRAES, Jarid. **Redemoinho em dia quente**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019. p. 123-127.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016. p. 11-69.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo, v. I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: CESÁRIO, Luciano. Com 16 casos, Ceará tem quase um feminicídio por semana em 2023. **O Povo**, Ceará, abr. 2023. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2023/04/30/com-16-casos-ceara-tem-quase-um-femicidio-por-semana-em-2023.html>. Acesso em: 20 maio 2023.

EVARISTO, Conceição. Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento. [Entrevista cedida a] Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. **TVBRASIL**, São Paulo, jun. 2017. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em: 22 maio 2023.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2017.

LAURETIS, Teresa de. The technology of gender. *In*: **The technologies of gender**. Indiana: Indiana University Press, 1987. p. 206-241.

LEITE, Francisco de Freitas. **Inscrições em latim sob uma abordagem dialógica**: um estudo no contexto do Cariri cearense. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2014.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievich. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

SCHOLZE, Lia. A mulher na literatura: gênero e representação. *In*: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de ASSIS; BEZERRA, Kátia da Costa (org.). **Gênero e representação na literatura brasileira**. Belo Horizonte: UFMG Faculdade de Letras Programa de Pós-graduação em Letras e Estudos Literários, 2002. p. 174-182.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nicolaievitch. A construção da enunciação. *In*: VOLOCHÍNOV, Valentin Nicolaievitch. **A Construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, Tradução e Notas de João Wanderley Geraldi. Edição e Supervisão da Tradução por Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013a. p. 157-188.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nicolaievitch. A palavra na vida e a palavra na poesia introdução ao problema da poética sociológica. *In*: VOLOCHÍNOV, Valentin Nicolaievitch. **A Construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, Tradução e Notas de João Wanderley Geraldi. Edição e Supervisão da Tradução por Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013b. p. 71-100.

VOLÓCHINOV, Valentin Nicolaievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267